GESTÃO INTERLOCUTORA: ESTUDO DOS PROCESSOS VOLTADOS AO DESENVOLVIMENTO CULTURAL NA UNIVERSIDADE

Patrícia Maneschy D. Costa (FFCLDB/ AEDB – Brasil)

pmaneschy@gmail.com

Resumo

Esta pesquisa objetiva demonstrar como os processos de gestão *interlocutora* podem ser desenvolvidos nas ações da Extensão Universitária na condução da gestão organizativa e executiva, em uma Assessoria Cultural. Considera que a cultura constitui um viés *contribuidor* na formação do jovem universitário. Questão - qual o caminho dos laços da rede que os converge – cultura e juventude. A metodologia, pesquisa-ação, proporciona interlocução com jovens no cotidiano dos processos administrativos e acadêmicos. Realizar projetos culturais na universidade demanda a compreender a cultura além do objeto-entretenimento, mas identificá-la inerente à subjetividade e interlocução entre o futuro profissional e sua inserção social.

Palavras-chave: Gestão *interlocutora*. Organização. Cultura. Universidade.

1. A CULTURA NA DIMENSÃO FORMATIVA

A cultura na universidade é objeto de pensar além “somente” da formação, mas um caminho que possibilite laços identificadores de convergência – cultura – profissão – sociedade – juventude, visto que é justamente este contingente de jovens que se qualificam para inserção social-profissional. É este jovem, uma parcela na sociedade, que se dedicou aos estudos em especificidades e estarão presentes com seus conhecimentos para mobilizar perspectivas de desenvolvimento, seja ele local ou em outro lócus aos quais se integrem.

A cultura na universidade geralmente habita o espaço da extensão universitária, e aqui já nos deparamos com um dos fatores difíceis de contornar na problemática da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão. Por tradição a pesquisa se fez “mote” da formação na universidade, o ensino lhe fundamenta, mas a extensão ainda luta por reconhecimento da sua propriedade interlocutora e de fundamental objeto reflexivo no universo tanto da pesquisa como do ensino. É uma realidade que vem sendo denunciada, porém ganha aos poucos o reconhecimento, e a cultura vinculada à extensão vivencia as problemáticas tanto de fundamentação como de compreensão do seu valor enquanto finalidade agregada à formação. Autores irão discutir o valor da cultura na universidade, porém a compreensão mais aceita é de que ela pode ser um fator que se oferece dissociado do pensar sobre a formação. Podemos verificar em estudos como os de Rocha Junior (2008), que

a cultura na extensão tem sido objeto produção de conhecimento comprometido com o desenvolvimento social e que os mesmos estão diretamente vinculados a pesquisas realizadas em diferentes universos científicos nas áreas de conhecimento.

Uma demonstração desta discussão pode ser encontrada como referência a partir do primeiro edital de extensão que abrange somente a área da cultura na universidade. Um Programa de Apoio à Cultura: Extensão Universitária, mais conhecida como PROEXT Cultura foi criado a partir de maio de 2005, quando Rocha Junior (2008) assumiu a coordenação nacional da Área Temática Cultura no âmbito do Fórum de Pró-reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras – FORPROEX, e lutou pela meta de buscar junto a equipe do Ministério da Cultura a criação de um edital específico para área de cultura e que estivesse relacionado à Extensão Universitária. Esse movimento traz inovação à compreensão da cultura dentro da universidade, ou seja, buscamos para além do entendimento da cultura como entretenimento. E, mas ainda, a consolidação da mesma, incluindo financiamento, como um objeto de efetivo valor intrínseco à formação do jovem universitário.

Outro entendimento relevante que foi assim reforçado; “(...) a extensão como “ação (que pode ser programa, projeto, prestação de serviço, curso ou evento) em diálogo com a comunidade externa (do ponto de vista da universidade) que resulte em produção de conhecimento por parte dos integrantes da referida ação.” (ROCHA JUNIOR, 2008, p. 07). Além disso, a cultura, antropológicamente entendida hoje, nos oferece horizontes de compreensão mais ampliados:

... podemos dizer que cultura é um modo de vida de um grupo social, vivendo em certo momento local, obrigando-nos contemporaneamente, cada vez mais, a um confronto com a diversidade cultural. Queremos distinguir a ideia norte-americana de multiculturalismo, no qual cada grupo identitário conquista um território exclusivamente seu, sem necessidade de estabelecer diálogo com outros grupos – o mais importante é que cada um tenha o seu território e os seus direitos garantidos – da ideia de diversidade cultural que compreendemos como a vida em comunidade de vários grupos identitários diferenciados, sem que eles precisem estar necessariamente em harmonia, mas que seja garantida a necessidade do diálogo entre eles. “A necessidade do diálogo propicia uma reflexão sobre os valores de cada grupo e alimenta a discussão sobre o que são cultura e o que é arte. (ROCHA JUNIOR, 2008, p. 09).

Este ponto de partida para compreender a cultura nos remete a reflexionar o valor que agrega à constituição dos diferentes grupos e áreas do conhecimento que transitam dentro das universidades e as possibilidades de interlocução não somente dos grupos isolados em suas pesquisas com a comunidade externa, mas com os valores e as culturas que cada um traz em seus universos da ciência, as produções e objetos de extensão interna e externamente que

criam culturas e até são capazes de gerar projetos de inserção social e modificação da própria realidade em que atuam.

Não podemos mais admitir que a cultura seja isolada da formação, pois ao mesmo tempo em que um jovem formado atuar profissionalmente terá que identificar os valores, as finalidades, as representações e manifestações do grupo social ao qual se insere para realizar a tarefa de seu trabalho. Essa articulação, por exemplo, deve ser feita por um profissional do direito quando vai advogar sobre um caso em determinada região. Não é somente necessário saber os códigos das leis locais, mas se a população local tem condições de seguir aquele determinado código. Essa ação reflexiva exige mais do que conhecimentos técnicos científicos, mas o conhecimento antropológico, a cultura e as interações sociais que fortalecem essa comunidade.

Deste modo a leitura dos jovens sobre o que é a representação significativa da cultura na universidade precisa ser ampliada em todos os três eixos que compõe a estrutura administrativa e acadêmica da universidade. Uma realidade difícil de entender quando na prática encontramos estes espaços da tríade – extensão – pesquisa – ensino com dificuldades de integração via projetos culturais. A cultura ainda é entendida como algo que se manifesta para além da cientificidade.

As dificuldades para executar um projeto de desenvolvimento cultural em uma universidade são muitas, porém um fator é preponderante; a compreensão dos estudantes jovens universitários sobre a cultura no espaço universitário ainda é de isolamento da mesma como objeto de entretenimento ou como adicionar um “algo mais” à formação. Poucos estudantes identificam a relevância da cultura na universidade como objeto de formação à sua subjetividade e interlocução entre o seu futuro profissional e a sua inserção social.

2. ESTUDANDO SOBRE A CULTURA NO COTIDIANO DA UNIVERSIDADE E A FORMAÇÃO DOS JOVENS

Encontramos nos estudos realizados informações relevantes que podem contribuir para emergir discussões que sejam capazes de proporcionar redirecionamentos para as ações da gestão *interlocutora*¹ e executivas dos projetos culturais na extensão, passamos agora aos

¹ Gestão *interlocutora*, citada pela autora, trata de um termo criado pela autora, para caracterizar a interface da gestão do trabalho administrativo-acadêmico diretamente vinculado ao universo da gestão. E vista como uma categoria da pesquisa, possibilitou entender a ação da cultura associada à formação em um modo de gerar saberes e o fazer da interlocução necessária à práxis formativa nas diferentes áreas do conhecimento em que o Setor Cultural “conversava” com as diferentes Escolas, seus saberes e suas propostas educacionais e educativas.

estudos.

Em um primeiro momento se identifica que a juventude desta instituição trabalha seu universo educativo na perspectiva de que o ensino é o “carro-chefe”, ou seja, vale para sua formação e se basta adquirir conhecimentos técnicos e de forma imediata, sejam conhecimentos tanto pessoal como profissional, os conteúdos do curso que deseja profissionalizar-se. Essa concepção é demonstrada em diversos momentos em que se pode perceber o grau de envolvimento da participação do alunado com os eventos promovidos na universidade que tem como pano de fundo a cultura. Esta análise não parte de uma simples “observação” quantitativa da participação dos alunos, mas dos registros qualitativos também, a partir de relatórios produzidos no Setor Cultural da universidade, e que corresponde às ações estratégicas propostas para o desenvolvimento da cultura para um universo de vinte mil alunos.

Partindo de dados quantitativos verifica-se que, em correspondência ao universo de alunos da universidade, para quem são propostas as atividades, a participação espontânea é de um percentual de menos de 10%. Algumas questões poderão ser relevantes para se levantar a reflexão sobre a participação:

2.1 Vejamos pelos fatores de comunicação

Algumas ausências - divulgação interna e externa na universidade, interação entre os níveis da estrutura administrativa, distribuição da informação em locais não relevantes de concentração dos alunos, desconhecimento da existência das propostas culturais na universidade; contato restrito com os veículos informativos sobre as atividades culturais na universidade, pois via Home Page e seu modelo de apresentação interativo com o aluno que privilegia os campos acadêmicos, como seria de se esperar, porém se coloca em detrimento as demais áreas que compõe a estrutura universitária, no caso, a Extensão em que se instalam as propostas culturais. Enfim, os canais de veiculação da informação ao aluno não o colocam em disposição para conhecer a dinâmica cultural existente na universidade.

Um problema instalado de utilização inadequada da mídia e dos veículos de informação. Por vezes se consegue identificar que o público não recebeu a informação correta ou adequada, ou mesmo a tempo de participar do evento. A informação fica centralizada em um processo de poder que se representa na manutenção da hierarquia, não chegando aos professores e alunos às propostas de cultura da universidade. Essa dinâmica, não é feita simplesmente por meio de um comportamento intencional, mas pela manutenção de vários

mecanismos, sejam eles de desculpas pela falta de tempo em transmitir as informações, pelo acúmulo de tarefas para se realizar, até mesmo o calendário acadêmico é ponto de apoio para as diferentes desculpas e justificativas. Há de se reconhecer que a dinâmica de uma universidade é enorme em seus processos informativos, mas será necessário criar meios, inclusive por um bom gestor de marketing, que faça fluir estes processos comunicacionais independente das atribuições acadêmicas.

A utilização de um veículo de divulgação interna como; informativos, boletins, jornais periódicos, rádio interna, por vezes colaboram, mas também não respondem sozinhas as expectativas que desejamos alcançar. Há relatos de alunos:

“Esses jornais via e-mail eu nem abro, deletei tudo da minha caixa, não tenho saco para ler”.

“Quando chegam muitos e-mails da faculdade leio os mais importantes, os do meu curso”.

“... não entendo muito bem estes e-mails do cultural, não sei para que servem, nem leio, apago todos”.

Percebem-se duas situações aqui de naturezas diferentes: em primeiro podemos dizer que se trata da natureza mesma da comunicação inadequada, como estamos discutindo, há um problema de comunicação, como a mídia vem sendo produzida. Que tipo de linguagem para que tipo de público, não vem sendo respondida no que tange as comunicações que se deseja para anunciar as atividades de cultura. Em segundo, pela natureza da utilização da informação que se deseja de uma forma filosófica, ou seja, responder a questão: para quê? Essa pergunta poucas vezes os setores de marketing nos fazem, sendo totalmente inadequada a campanha de divulgação de determinada proposta política cultural dentro da universidade.

O que se observa: um desgaste grande das atividades de cultura. Enquanto se demanda um universo de organização estrutural extremamente complexo dentro de uma universidade para o desenvolvimento de uma proposta política de cultura a resposta do público [alunos, professores, funcionários] não é quantitativamente favorável, ou seja, o interesse e a participação são mínimos. A análise deste fato não pode ser vista como dissociada da intenção ou da compreensão do quanto às atividades culturais agradam e são atrativas a este mesmo público, quando realizadas ao alcance de seus conhecimentos e de sua disponibilidade, ou seja, quando o público é capaz de saber por meio da divulgação e podem comparecer quando os horários são compatíveis com os seus.

Há outro fator agregado que atrai o público estudante é a questão da troca das atividades culturais como meio de alcançar horas curriculares desdobradas nas atividades complementares exigidas em todos os cursos de graduação. Neste fato, fica uma pergunta: será que a formação cultural deve realmente ser submetida à força da obrigatoriedade acadêmica? Voltamos ao primeiro momento em que o valor está posto na aquisição de conteúdos e o cumprimento às normas acadêmicas, e não ao interesse espontâneo pelo conteúdo cultural e as estéticas envolvidas que contribuem para ampliação do campo de compreensão do mundo em que vivemos.

Há que se entender, também, que para realizar atividades de cultura dentro da estrutura universitária se mobilizam vários setores (transporte, iluminação, equipamentos de multimídia, mídia/ divulgação, local, horários compatíveis com as aulas, contratos com artistas, a veiculação de concorrências públicas para projetos adequados a editais, entre outros), assim, para se realizar um espetáculo, um show, uma mostra, entre outros eventos, há uma dinâmica que se pode avaliar como sendo “desgastante” caso no momento de sua realização não se tenha a participação do público desejado (alunado, professores, funcionários, outros). Pensar a formação de público será difícil nestas condições, ou seja, de não encontrar sentido na cultura como eixo da própria constituição da sociedade, da historicidade, e da estrutura na qual desejamos nos posicionar como sujeitos do tempo e do espaço.

2.2 Vejamos pelos fatores da formação

A ausência por muitos anos do entendimento de cultura dentro da universidade como relevante ao processo de formação do sujeito, até mesmo pela tradição e natureza da universidade, o ensino é o ponto de referência para os alunos.

O alcance do saber técnico será o suficiente para a formação profissional não integrando as reflexões sociais, antropológicas e filosóficas ao cotidiano do aluno, às experiências de estágio e as compreensões mais relevantes sobre o significado da sua profissão em uma sociedade, hoje, identificada como pós-moderna. Ainda representamos os paradigmas de séculos anteriores (XVII), convivemos com uma forte onda de valorização das especializações, embora tenhamos discursos que se constroem a partir do cotidiano, mas que, na prática a tentativa de resposta se faz fragilmente. Um exemplo prático deste fato se dá no momento em que o cumprimento das matrizes curriculares é necessário as tais “atividades complementares”, que de certa forma acaba por se espelhar nas atividades culturais uma

“moeda de troca” para completar a carga-horária exigida nas diretrizes curriculares dos cursos.

De certa forma a cultura passa a ser “visitada” pelo público discente, mesmo que seja por meio de uma obrigatoriedade à sua formação. É como se este encontro fosse marcado e sem muito gosto, prazer e/ ou compreensão de se vivenciar um momento estético. Há um lapso de concretude¹ ou seja, de se entender que cada vivência de nossa produção cultural ocorre à construção de um valor inigualável, pois não será repetido, mesmo que o espetáculo seja o mesmo, as sensações, as reflexões que suscitam são diversas e diferentes.

A natureza subjetiva que é tecida na construção da cultura não aceita formatação própria que garanta a presença do aluno, e que por vezes não conseguimos responder por simples sistemas de ensaio e erro, mas podemos refletir sobre qual importância foi estabelecida na universidade para o desenvolvimento de cultura.

Como se pensar a cultura no viés da formação dos estudantes universitários? E como chegar até eles de forma que se percebam parte dela? Será que os alunos reconhecem a universidade como espaço da realização de atividades culturais que contribuam para sua formação? Como os estudantes entendem essa proposta? Tentar responder estas questões talvez nos auxilie na aproximação do objeto “cultura” aos estudantes, docentes e também aos funcionários.

Estas questões fomentam uma gama de reflexões e argumentações que de forma mais concreta nos forneça uma lógica de condução das propostas políticas e das estratégias e ações administrativas correspondentes e assertivas.

2.3 Vejamos pelos fatores do entendimento da estrutura da instituição universitária e sua cultura institucional

Percebe-se a ausência de uma cultura institucional em que o conhecimento e os saberes possam ser transdisciplinares sem prejuízo às diferentes áreas temáticas do conhecimento científico, ou seja, a ruptura com a cultura de que cada Instituto, Escola ou Curso deve promover a si mesmo e ao seu objeto específico de conhecimento. Mesmo os departamentos em suas autonomias não podem esquecer que fazem parte de um universo mais amplo que congrega a missão daquela instituição de ensino superior.

Por meio das observações, registra-se um movimento endógeno de gestão acadêmica e administrativa. O velho exemplo – “se o meu setor funciona bem eu consigo contribuir para os demais, mas se os demais não vão tão bem quanto o meu o problema não me afetará, ou

melhor, “cuide do seu que eu cuido do meu e estamos todos muito bem”. Esta dinâmica de gestão, digamos já muito criticada e ultrapassada, não corrobora para o crescimento do aprendizado institucional.

Várias classificações foram criadas para compreender as dinâmicas de relacionamento profissional e uma delas, destaco aqui, a de Gather Tuller (2002). A autora entende; a instituição que não caminha na proposição de aprendizado contínuo das relações em um processo de cooperação e negociação não conseguirá avançar nas dificuldades mais simples que surgirem em uma instituição, pois sem esta disposição estará fadada a não compreender a instituição como um todo e fará escolhas por sanar problemas e não avançar na reflexão sobre o mesmo e trabalhar soluções contextualizadas.

Para Gather Tuller (2002) muitas instituições ainda trabalham em um nível muito intimista, mantendo suas relações profissionais de forma “individualista”, é preciso trazer os componentes do diálogo, da escuta e da liderança legitimada.

A liderança legitimada rompe com as receitas em que ser líder se faz necessário ter qualidades em quantidade superior as dos colegas. Ao avesso deste pensamento, a liderança legitimada se faz somente pelo fato de que um dos representantes do grupo tem a voz de todos onde todos o reconhecem como sendo o legítimo, guardião e fiel de suas idéias, e não por meio de suas qualidades. Desta forma, não significa que o mais simpático ou o mais “falante” seja o representante. O líder será aquele que representa do grupo seus desejos, suas aspirações, suas emoções, enfim, suas negociações de forma competente e argumentativa.

Mas, na instituição estudada podemos observar que as representações dos líderes por Instituto, Escola, Curso, Departamentos ou setores, estão alocadas em líderes que tanto se enquadram nas antigas concepções de liderança quanto outros que já avançaram neste aspecto. Uma diversidade de tendências se desenha para serem negociadas na mesa na hora de se realizarem as atividades culturais, pois as propostas de cultura devem transpor todo e qualquer interesse particular, pois todos nós somos produtores de cultura em diferentes contextos.

Neste aspecto a universidade necessita buscar trabalhar políticas que consolidem a sua cultura institucional, assim, mesmo na diversidade de comportamentos haverá um eixo orientador de sua missão. Cabe aqui, novamente levantar o lócus da cultura na universidade, qual será?

A partir das problemáticas apresentadas identificamos que a cultura e a vida na universidade, no ensino, na pesquisa e na extensão, caminham de forma paralela. Cada área realiza o seu objetivo em dissonância ao outro. A busca de uma convergência entre cultura e

vida universitária não somente passa pela questão de trabalhar modelos *inter*, *trans* ou *multidisciplinares*, mas de ir além destes referenciais e sim perceber que não há *desunidade* e compartimentos em disciplinas e áreas do conhecimento, mas que a cultura é viva em todas elas.

Um primeiro passo seria pensar o tripé da universidade como lócus único, entrelaçado e multiplural em suas propostas. Não dá para separar o ensino, da pesquisa e da extensão. Mais do que nunca os trabalhos e documentos produzidos na extensão vêm demonstrando que privilegiar estas dinâmicas relações pode ser uma proposta consistente às universidades. Basta citar, no momento, que o documento do Plano de Extensão Universitária, mesmo com todas as críticas e reflexões construtivas, já apresenta a área da cultura dentro da universidade em uma perspectiva diferente. Significa que a cultura dentro da universidade não é mais concebida como eventos isolados em áreas acadêmicas ou como eventos de entretenimento para alunos, docentes e funcionários. Mas, cultura como o que fortifica o pensamento e a produção do homem.

3. UMA TENTATIVA DE TORNAR AS VIAS PARALELAS EM CONVERGENTES...

Do olhar da extensão para cultura e vice versa encontramos significados e sentidos que embalam a interlocução com a sociedade. Alguns fundamentos orientam para conceber nesta relação à condição de viver que é motivo de criação cultural. A cultura nos seus amplos sentidos, artístico, social ou intelectual “é uma metáfora derivada da palavra latina cultura” (CABRAL, apud SANTAELLA, 2003, p. 29), e surgem em seu entorno os sentidos conotativos contribuindo à sua tendência em crescer, proliferar, pois traduz a vida que se desdobra em mais vida.

A definição sobre cultura vai além da compreensão através da vertente biológica – vida-, inclui um duplo contexto o do habitat natural e seu ambiente social, o que remete ao fazer da cidadania em construção legítima junto à educação formal, de uso e aplicação cognitiva diretamente relacionada à evolução/ tradições do homem. Na cultura também se inclui todo o elemento do legado humano adquirido por seu grupo por meio da “aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento – técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças, modos padronizados de conduta”ⁱ. Cultura pode ser compreendida pela metáfora da “mistura”, no sentido dito por Paul Valéry, em que trata como a *mistura* sendo o espírito e a cultura sendo a morada do espírito, então cultura seria uma *mistura*. Este comentário se apresenta como uma “brincadeira silogística”ⁱⁱ, mas

apresenta a condição fundamental para se entender a cultura no contexto pós-moderno, de sociedades globalizadas. Esta idéia de mistura inspira o termo “culturas híbridas”, título do livro de Canclini (1997), em que a realidade social vem confirmando esta idéia. Porém, com todas as discussões sobre definições e as duas concepções – humanísticas e antropológicas - no campo da cultura se percebe a proliferação dos sentidos de cultura e a busca por uma única definição, bem como a forma e método na qual é produzida, seria pretensão.

A presença dos mecanismos de interação da informação difundidos através das mídias nas sociedades ocidentais pós-modernas que divulgavam a cultura de massas trouxe reflexos que causaram impactos às formas de cultura produzidas até então: de um lado a cultura erudita e culta, e de outro lado a cultura popular. Quando isso ocorre à cultura de massa caminha no sentido de dissolver a “a polaridade entre o popular e o erudito, anulando suas fronteiras. Disso resultam cruzamentos culturais em que o tradicional e o moderno, o artesanal e o industrial mesclam-se em tecidos híbridos e voláteis próprios das culturas urbanas” (SANTAELLA, 2003, p. 52). O crescimento dos meios de comunicação de massa (século XX) e o aumento do consumo cultural através do uso das tecnologias disponíveis e descartáveis como os videoclips, as fotocopiadoras, entre outros, e juntamente com a produção dos CD-Rons e TV’s de canal fechado, que representam as “tecnologias para demandas simbólicas, heterogêneas, fugazes e mais personalizadas” tendeu para a configuração de uma comunicação caracterizada por trânsitos e hibridismos entre si nos meios de comunicação. Criam-se, assim, redes de complementaridade, que Santaella (1992) designa de *Cultura das mídias*.

A Cultura das mídias procurava dar conta de fenômenos emergentes e novos na dinâmica cultural, quer dizer, o surgimento de processos culturais distintos da lógica que era própria da cultura de massas. Contrariamente a esta que é essencialmente produzida por poucos e consumida por uma massa que não tem poder para interferir nos produtos simbólicos que consome, a cultura das mídias inaugurava uma dinâmica que, tecendo-se e se alastrando nas relações das mídias entre si, começava a possibilitar aos seus consumidores a escolha entre produtos simbólicos alternativos. (SANTAELLA, 2003, p. 54).

A cultura neste momento está estreitamente vinculada ao mercado, aos índices de audiência e ao consumo que pode continuar alimentando estes caminhos. Porém, a produção de cultura não retorna ao que antes era – erudita ou popular-, provoca novas recomposições nos papéis, nos cenários sociais e também no modo de produção dessas formas de cultura. A cultura midiática proporcionou uma “circulação mais fluida e as articulações mais complexas dos níveis, gêneros e formas de cultura, produzindo o cruzamento de suas identidades”ⁱⁱⁱ.

As discussões que envolvem a produção e formalização, no sentido de dar corpo as questões sobre cultura na sociedade e suas implicações políticas e educacionais remete ao questionamento sobre a possibilidade de efetivar a concepção de que tanto a cultura como a educação não são neutras, e será preciso redefinir a relação entre a finalidade da cultura e o projeto de universidade que proporcione formação aos jovens de uma forma contextualizada social, histórica e profissionalmente.

A universidade por meio das atividades extensionista sistematizadas em uma gestão administrativa articulada no ensino e na pesquisa apresenta a oportunidade de unidade questionadora desta corrente cultural de massa, na qual os jovens costumam ver na mídia. O desenvolvimento da relação entre os conhecimentos acadêmicos e populares integra sentido e significado ao educando universitário quando este se percebe parte integrante da mediação sociedade e universidade, agregando significado aos estudos para sua vida, de maneira a permitir a reconstrução de novo comportamento em direção ao fortalecimento e criação de novas culturas também nas dimensões sociais. Pode-se então, dizer que este movimento é o *pensar* e o *fazer* cultural na universidade.

A juventude é um conceito hoje considerado existente quando olhado do ponto de vista social, o que o difere definitivamente do conceito de adolescência que tem sua constituição na vertente psicológica e física. Pode-se dizer que a juventude se caracteriza pela presença do sujeito na vida coletiva, o que remete a pensar sobre a cidadania e diretamente sua relação com a constituição cultural. Nesta perceptiva a universidade se apresenta como instituição portadora destes conceitos, e indiretamente co-participativa nas possíveis reconstruções sociais/ culturais à fomentar.

Porém, ao mesmo tempo em que a universidade por meio de atividades extensionistas apresenta o espaço propício ao desenvolvimento e produção de propostas culturais também enfrenta um problema de concepção/ conceituação do que é cultura do ponto de vista dos jovens. A pesquisa realizada no âmbito nacional pelo Instituto Cidadania e divulgada em 2005 revela que os jovens realizam atividades entre lazer e cultura de forma generalizada, e que das atividades culturais realizadas algumas chegam a 92% de não comparecimento, como é o caso de Concerto de música clássica, e de 94% de Espetáculo de balé clássico, enquanto que a melhor frequência está no cinema em que 39% nunca foram.

Para o *pensar* e o *fazer* da prática extensionista e o desenvolvimento cultural, esse dado vem a confirmar a necessidade do trabalho da extensão, que será o de fomentar as reflexões sobre a sociedade na qual estes jovens vivem. É aqui que o papel da cultura se amplia muito na medida em que ela pode se tornar o principal campo em que se dará a

conversação permanente e infinita, sempre mutante, sobre o que *fizemos* o que estamos *fazendo* e o que poderemos *fazer* de nós mesmos... na e para a sociedade.

No sentido de caminhar para convergência das propostas culturais na universidade e a formação da juventude universitária, a gestão dos processos administrativos devem buscar realizar ações, via projetos e programas na universidade, que sirvam tanto para reflexão da juventude sobre o seu fazer e estar nos espaços e tempos da vida social, profissional e pessoal, como também proporcionar a formação da historicidade e da cientificidade necessária ao convívio do trabalho produtivo para a sociedade.

A complexidade de compreensão da cultura como interlocutor da formação de qualquer pessoa é fundamental à construção da subjetividade.

A (des) significação atribuída à cultura interligada as finalidades acadêmicas nas universidades não possibilita revelar o potencial da compreensão do ser humano em suas dimensões histórico-sociais, profissionais, pessoais e políticos. O movimento de dissociação da cultura tanto no ensino, na pesquisa ou até mesmo na extensão pode isolar o sujeito, em processo de formação contínuo, para um estreitamento da compreensão do mundo do seu trabalho em si mesmo. A necessidade de alargamento desta compreensão se dá pelo próprio processo de inserção do sujeito na sociedade a qual transita ou virá a transitar. Compreender-se sujeito “do mundo e nele para mudar” é necessário acessar sua capacidade reflexiva, e a cultura é um dos fatores preponderantes à formação desse sujeito, pois por meio dela se pode perceber o modo como nos posicionamos e agimos para construção de uma sociedade mais solidária e justa.

ⁱ SANTAELLA comenta as várias alusões ao termo cultura, a citada é uma delas, 2003, p. 30.

ⁱⁱ SANTAELLA comenta as várias alusões ao termo cultura, a citada é uma delas, 2003, p. 30.

ⁱⁱⁱ SANTAELLA, 2003, p. 59.

Referências

BRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Orgs.). **Retratos da Juventude Brasileira**. Análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania, Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

FERNANDEZ, R. **Multiculturalismo Intelectual**. Revista USP, nº 42, junho/agosto, 1999.

GARCIA-CANCLINI, N. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Trad. Maurício Santana Dias. 6. Ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

SNOW, C. P. **As Duas Culturas e uma Segunda Leitura**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995.

ROCHA JUNIOR, A. F. (Org.). **Extensão universitária e cultura** – A produção de conhecimento comprometida com o desenvolvimento social. São João Del-Rei: Malta, 2008.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

_____. A tecnolcultura atual e suas tendências futuras. **Signo y Pensamiento**. 60 · Eje Temático | pp 30 - 43 · volumen XXX · enero - junio 2012.

TULER, M. G. **Inovar na escola**. Porto alegre: Artmed, 2002.